

## INDÚSTRIA

# Produção de calçados busca novos mercados

**Empresas gaúchas estão em busca de mercados alternativos, para escapar do tarifaço dos EUA**

Eduardo Torres

A macrorregião tem 12 municípios entre os 50 maiores exportadores gaúchos – em valores negociados com o Exterior – nos primeiros quatro meses do ano. Mas somente dois, Sapiranga e Dois Irmãos, apresentaram variação positiva nos números da balança comercial em relação ao mesmo período de 2025. Uma das explicações está na busca de uma das maiores produtoras de calçados do Rio Grande do Sul por mercados alternativos, não influenciados pelos sucessivos tarifaços norte-americanos.

A Calçados Beira Rio tem entre Sapiranga e Novo Hamburgo 35% da sua produção. E o destino de boa parte dela, nesses primeiros meses de 2026, foi El Salvador, na América Central. A empresa não divulga detalhes do contrato firmado com o governo local para o fornecimento de calçados aos estudantes locais, mas dados

do governo federal apontam que quase 20% de todas as exportações de Sapiranga, que teve um crescimento de 13,2% nas vendas de produtos para outros países, foram justamente para este país.

Diferente de outras indústrias calçadistas da região, no Vale do Sinos a Beira Rio não trabalha com o couro. O diferencial está nos produtos com solado em borracha – correspondem a 92% das exportações do município de Sapiranga e pouco mais de 35% de Novo Hamburgo –, que primam pela sustentabilidade.

“Temos trabalhado muito com a evolução dos sapatos considerados mais confortáveis, especialmente na linha Attivita. Temos utilizado o EVU 100% reaproveitado ao longo da cadeia produtiva para a produção do solado. Isso garante sustentabilidade e agrega valor ao produto”, explica o diretor industrial da Beira Rio, João Heinrich.

Além da Attivita, a empresa produz no Vale do Sinos as linhas Moleka, Beira Rio e Molekinha. O mercado nacional ainda é o principal destino dos calçados, mas a aproximação com potenciais novos clientes é uma constante. Hoje, a Beira Rio já exporta para 100 países.



CALÇADOS BEIRA RIO/DIVULGAÇÃO/JC

Calçados Beira Rio ampliou as suas exportações para El Salvador, na América Central

“Temos trabalhado de maneira muito forte para estreitar parcerias com clientes em todas as regiões do Brasil e no Exterior”, resume Heinrich.

Informação não confirmada pela empresa dá conta de que o

primeiro contrato com o governo salvadorenho garante a exportação de um milhão de pares de tênis para os estudantes, em um contrato de US\$ 16 milhões. Até o final de abril, as empresas de Sapiranga já haviam negociado US\$ 11 milhões

com El Salvador, o dobro do negociado com os Estados Unidos e quase quatro vezes mais do que os valores vendidos à Europa. Um crescimento superior a 500% em relação ao mesmo período do ano passado.

## Indústria do couro preparada para o mercado europeu

Para a indústria do couro, que responde por quase metade das exportações de Estância Velha, e, em alguns tipos de produtos chegou a registrar alta de 21% nas vendas ao Exterior nos primeiros quatro meses do ano, as atenções estão voltadas à Europa, a partir da confirmação do acordo comercial com o Mercosul. Hoje, China e Índia absorvem 34,5% das exportações de Estância Velha, enquanto os países europeus negociaram 15% dos valores vendidos pelas empresas locais entre janeiro e abril. Uma relação que, de acordo com o gestor de inteligência comercial do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB), Rogério Cunha, tem potencial para se tornar mais equilibrada.

“O acordo com os europeus era um pleito que buscávamos há tempo. Hoje, o couro acabado ou semi acabado passa por diversos processos, com incidência de tarifas. A partir do acordo, já no primeiro ano, 80% das nossas exportações terão zero tarifa e, em quatro anos, serão incluídos outros grupos da produção de couros. Seremos mais competitivos naquele cenário em relação a outros países produtores, como a Índia, que

já firmaram acordos”, explica Cunha.

O mercado externo é o destino de 70% da produção de couros do Brasil. A estimativa é de que, anualmente, 40 milhões de bovinos resultam em peles e couros na indústria. No Rio Grande do Sul, as indústrias finalizam em torno de 9 milhões de couro acabado ou semi acabado anualmente. Atualmente, o RS exporta entre 17% e 18% para a Europa. Com a indústria modernizada, e já adaptada aos padrões dos clientes europeus, os gaúchos negociam o couro com mais de 80 países.

Mesmo que 75 dos 222 curtumes ativos no Brasil sejam gaúchos – 49 deles no Vale do Sinos –, a maior parte da matéria-prima vem de outros estados em virtude do rebanho bovino reduzido no Rio Grande do Sul. Com a abertura do mercado europeu, no entanto, há uma oportunidade de valorização do produto originário gaúcho.

“Enquanto 70% do rebanho brasileiro é de zebuínos, com pele branca, no Rio Grande do Sul é bem diferente, com a raça Angus e as britânicas, de pele escura. Essa pele escura do abate gaúcho é mais valorizada na produção do couro. Para a

produção calçadista, por exemplo, o couro precisa ser de muito boa qualidade, assim como para setores como o automotivo e de produção de bolsas”, comenta o dirigente.

Com um rebanho de 10 milhões de cabeças, com uma redução de 20% nos últimos 20 anos no campo, a indústria gaúcha abate 2 milhões de bovinos por ano. Muito abaixo da demanda do setor coureiro, que divide espaço cada vez mais crescente de indústrias especializadas no processamento de colágeno e gelatina.

“É um cenário que estamos acompanhando. Há valorização da proteína animal e uma tendência de retomada dos rebanhos. Hoje, os curtumes gaúchos reúnem o maior número de certificações de qualidade em nível ouro, que respondem por critérios ambientais e sociais, por isso, temos estreitado o diálogo com os frigoríficos para que se consiga cada vez mais padronizar a produção ao longo de toda a cadeia. Temos um potencial muito grande no Pampa Gaúcho que pode ser diferencial no mercado externo”, explica.

Nos últimos 40 anos, o País viu reduzir em mais de 70% o número de curtumes. Algo que, conforme

### Dados dos setores

#### Setor calçadista

- 25% dos pares de calçados do Brasil são fabricados no Rio Grande do Sul
- 33% das exportações de calçados brasileiros são do Rio Grande do Sul
- Vale do Sinos produz 47,2%

#### Setor coureiro

- 33,7% dos curtumes brasileiros ficam no Rio Grande do Sul
- 65% deles (49 empresas)

#### Municípios que mais empregam

- Sapiranga (6º do Brasil/1º do RS): 8,6 mil trabalhadores
- Novo Hamburgo (8º do Brasil/2º do RS): 6,8 mil

dos pares de calçados gaúchos, o 3º polo brasileiro do calçado

- Vale do Sinos emprega 32 mil pessoas na indústria calçadista
- São 683 empresas do setor na região

atuam no Vale do Sinos

- Rio Grande do Sul produz 9 milhões de peças de couro/pele por ano

trabalhadores

- Campo Bom (13º do Brasil/4º do RS): 5,2 mil trabalhadores

(FONTE: ABICALÇADOS 2025, CICB)

Cunha, não representa retração, mas um filtro de qualidade. Ele garante que hoje a indústria brasileira é a mais preparada do mundo em termos de sustentabilidade. Um processo acelerado na década de 1990.

Agora, o caminho é o da rastreabilidade completa da cadeia produtiva, desde as primeiras etapas

da criação do gado até a finalização do couro. Algo que grandes grupos como Minerva e JBS já anteciparam e verticalizaram a cadeia, inclusive com a produção de couro. Em todo o Brasil, a partir de janeiro de 2027 começa a identificação dos rebanhos para serem rastreados, com a meta de encerrar o cadastro em 2032.